

## Alguns Aspectos da História da Sexologia no Brasil\*

---

---

# 7

Ricardo C. Cavalcanti<sup>1</sup>

Quando aceitei falar sobre o histórico da sexologia no Brasil, confesso que, na época, não avalei exatamente a gigantesca tarefa que estava assumindo. Realmente poucas vezes tive de enfrentar a confluência de tantas dificuldades para elaborar uma conferência. Dificuldades de duas ordens principais. A primeira foi de ordem operacional porque a conferência deveria ser previamente escrita. Isto é, sem dúvida, um fator complicador não desprezível para quem já tem uma carga enorme de compromissos a vive economizando todo tempo possível numa administração nem sempre de muito sucesso. Mas bem mais sérias eram as dificuldades técnicas que foram surgindo à medida que me dispunha a enfrentar, com seriedade, uma atividade que não é comum em minha vida profissional: vestir a camisa do historiador e narrar a história da sexologia no Brasil.

Fui cada vez mais me convencendo que as minhas pernas eram bem menores que a tarefa, de modo que vou começar por admitir que não vou falar propriamente sobre a história da sexologia brasileira mas, por alto, mencionar alguns tópicos desta história, evidentemente sem ter a pretensão de esgotar o assunto no panorama da horizontalidade, e com maior razão ainda, no estudo vertical dos fatos.

---

\* Conferência proferida em Curitiba, na 1ª Jornada Sul-Brasileira de Sexualidade Humana.

1. Ginecologista. Presidente da Federação Latino-Americana de Sociedades de Sexologia e Educação Sexual (FLASSES).

Geralmente temos uma tendência, que se poderia dizer quase romântica, de considerar a história como sendo uma enumeração de eventos que ocorreram em um determinado lugar, numa certa fatia de ordem cronológica. A história seria uma coletânea de fatos imobilizados pelo tempo. O historiador, segundo esta ótica, seria um simples colecionador de ocorrências, um ordenador cronológico de sucessos, a memorizar datas e eventos com elas relacionados.

Estas são concepções simplistas, para não dizer errôneas. Não se pode pensar em história como se ela fosse uma coisa de museu, algo mumificado pela penumbra dos anos, cheio de poeira e mofo. Nem a história é isto, nem o historiador é um mero narrador de acontecimentos estáticos.

A história é o que o homem fez, ou como diz Gabriel Monod, é o estudo das manifestações da atividade e do pensamento humanos considerados em sua sucessão, seu desenvolvimento e suas relações de conexão ou dependência. Em outras palavras, a história estuda as mudanças geradas pela humanidade ao longo do tempo. O historiador, como afirma Henri Pirenne, é o indivíduo que se dá conta da mudança das coisas, e procura a razão destas mudanças, observando como os eventos vivenciados contribuem para modificar a fisionomia do presente e do futuro. Observem que o historiador não é um colecionador de eventos, um fotógrafo impessoal de fatos, mas um cientista explorador do tempo, alguém que interpreta os acontecimentos, hierarquizando-os em uma ordem de importância pelas consequências que produzem. Alguém que fornece explicações e levanta hipóteses, reordena e retrabalha a realidade dos fatos, com os óculos de sua percepção subjetiva. Nesta tarefa, o trabalho do historiador não se esgota apenas em procurar descobrir e examinar o fato histórico, é preciso sobretudo determinar o sentido da ação dos homens que escreveram a história. Não basta portanto narrar as vivências humanas com exatidão objetiva, é preciso compreender o acontecimento, sentir e experienciar as grandezas e as fraquezas dos personagens. José Honório Rodrigues tem razão quando afirma que “o historiador não pode assumir uma atitude passiva diante do fato histórico. Cabe-lhe uma função senão criadora, ao menos recriadora... A história quer repensar o que se pensou, ressentir o que se sentiu, refazer o que se fez, reviver o criador e o criado. A história quer compreender a vida, em todas as suas manifestações, porque a vida é história. O resto é natureza”.

Vejam bem os senhores onde eu me fui meter.

O fato é que depois deste preâmbulo já longo, resolvi fazer mais uma crônica do que uma narrativa histórica a agora, já mais confortável na condição de cronista, é que eu me disponho a abordar o

tema central desta palestra, agora devidamente redimensionado: -Alguns aspectos da história da Sexologia no Brasil”.

Creio que se pode dizer que a criação da Comissão Nacional de Sexologia da FEBRASGO é um marco histórico no contexto sexológico brasileiro. A sexologia em nossa terra pode ser classificada em duas fases: antes e depois da Comissão Nacional de Sexologia.

Na fase que precedeu a Comissão já existiam pessoas e grupos isolados que trabalhavam em educação e em terapia sexual. Muito embora não se deva citar noites, pelo perigo das omissões às vezes irreparáveis, vale lembrar que na região do norte-nordeste poucas eram as pessoas voltadas para o tema. Fora o padre João Mohana no Maranhão, só na Bahia é que podemos destacar algumas pessoas com um efetivo trabalho na área. Merecem ser citadas Maria de Lourdes Burgos, Maria Thereza Pacheco e Gilda Bacal Fucks. A primeira era uma ginecologista que procurava enfocar o tema mais sob o ponto de vista da orientação sexual, a segunda, sob o aspecto forense e, finalmente, a terceira dedicando-se principalmente à área de terapia sexual. Na velha Bahia não se pode deixar de citar também Elsimar Coutinho que, embora seja internacionalmente conhecido nas áreas da reprodução e do planejamento familiar, eventualmente, se arriscava a dar aulas sobre assuntos de sexologia. Também sem ser propriamente um sexólogo, seria imperdoável esquecer Carlos Ruy Tourinho. Estudioso da adolescência, ele se preocupava com a vida sexual dos jovens e partindo desta preocupação ele passou a incentivar, é então incipiente Sexologia Brasileira. Foi um homem doce que viveu plantando e cultivando amigos. Infelizmente a morte o levou prematuramente, às vésperas de um evento nacional de ginecologia e obstetrícia do qual ele era o presidente. Neste evento, cujo tema central era Adolescência, existiam inúmeros temas de sexologia, o que já mostrava o crescente interesse sobre os problemas sexológicos, notadamente na ótica médica. Mais tarde a Comissão Nacional de Sexologia soube homenagear Carlos Ruy Tourinho criando um prêmio com seu nome para distinguir os melhores trabalhos apresentados nos seus encontros científicos. O fato é que a vida de Tourinho, embora produtiva, foi curta, tão curta que dele se poderia dizer o que disse o poeta: ele apenas “viveu o que vivem as rosas: o espaço de uma manhã”.

Na região sul há de ser lembrado, pelo seu pioneirismo, o endocrinologista Ahon Hutz, no Rio Grande do Sul. Na região sudeste estava o maior contingente de pessoas que se dedicavam à sexologia. No Estado de São Paulo podemos lembrar inicialmente o grupo do Instituto Sedes Sapientiae, especialmente Maria Helena Matarazzo e Marta Suplicy, ambas militando na área da educação

sexual. Já eram conhecidos Flávio Gikovate, Márcio Barbosa, Rogério Sawaya e Haruo Okawara, na terapia sexual. Há de se lembrar também Nelson Vitiello, Carmen Barroso e Cristina Bruschini, para não falar do trabalho da Escola de Pais do Brasil, notadamente do Pe. Charbonneau. No Estado do Rio de Janeiro, entre outros, vale destacar Jean-Claude Nahoum, Araguari Chalar Silva, Maria do Carmo Silva e Isaac Charan. Na região centro-oeste, o grupo do CESEX (Centro de Sexologia de Brasília) já atuava nas áreas da educação e da terapia sexual, desde o início da década de 70. Seus fundadores foram os psicólogos Mabel Cavalcanti, Antônio Izidro da Silva, Aulus Plautus Barbosa de Souza e os médicos Almir Reis, Sérgio Oliveira e Ricardo Cavalcanti. De todos os grupos anteriores à fundação da Comissão Nacional de Sexologia este é o mais antigo em atividade.

Este era o panorama da sexologia no Brasil, antes da criação da Comissão Nacional de Sexologia da FEBRASGO. Ainda não existiam as inúmeras sociedades de andrologistas e urologistas voltadas ao específico estudo das disfunções sexuais masculinas. E se algumas delas existiam eram tão pequenas suas influências que delas quase não se tinham conhecimento. Depois da Comissão Nacional de Sexologia - coincidência ou não - é que as sociedades sexológicas se multiplicaram, umas estudando especificamente os aspectos orgânicos; outras, os aspectos psicológicos dos problemas sexuais. Houve época que se afirmava que 90% dos problemas sexuais eram de causa psicológica, enquanto outros grupos defendiam que 90% dos problemas eram de causa orgânica. E nesta luta entre "psicologistas" e "organicistas" quem perdia mesmo era o ser humano. Perpetuava-se, e infelizmente ainda hoje se perpetua, o mito do fracionamento do homem. É preciso repetir e sempre repetir o óbvio: o homem é um ser psicossomático. Queiram ou não os "psicologistas" e os -organicistas-, as disfunções podem ter início nos desacertos do corpo ou nos desencontros da alma, quando não nos dois. Deste modo é irrelevante medir, com a fita métrica de suas preferências, o que é orgânico e o que é psicológico. Melhor seria que medissem o que é humano...

Depois da Comissão Nacional de Sexologia, e sob sua inspiração, começaram os "Encontros Nacionais". Vejam bem o título: encontros", porque na verdade sexólogos não fazem "congressos-". É muito estranho falar em -congresso sexual". Fica a impressão de muita gente em atividade erótica. Bem mais quente e aconchegadora é a expressão —encontros sexuais-. Tem um cheirinho gostoso de cumplicidade e de confidencialidade. E foi durante uma Jornada de Ginecologia em Goiânia, em 1982, que "tramei", com o Nelson

Vitiello, a realização do Primeiro Encontro Nacional de Sexologia.

Este Primeiro Encontro aconteceu em São Paulo, no período de 11 a 14 de maio de 1983, e vejam bem como começamos com o pé direito, teve lugar no Hotel Macksoud Plaza. Eu ainda não sei o que Nelson Vitiello fez, e com quem fez, para conseguir um evento no Hotel mais caro do Brasil. E aqui permitam-me que relate um fato “estórico” para descansar um pouco das coisas sérias da história. O Vitiello me reservou, no Maksoud, um apartamento decorado em alto estilo. Chamava atenção a enorme cama de casal que era menos um convite ortodoxo ao sono e mais uma insinuação a outros usos. A cabeceira da cama era o que se pode chamar de esnobação tecnológica. Tinha uma profusão de botões e de interruptores. Não só os clássicos para o ar condicionado, luzes de teto, cabeceira e televisão. Existiam outros e muitos outros, e tantos eram que não resisti à curiosidade e me pus a pesquisá-los. Toquei em um da esquerda e uma profusão de luzes coloridas encheram o recinto, algumas piscavam feito umas loucas enquanto outras, serenas, ficavam olhando minha cara abobalhada. Outro botão enlouqueceu a cama, ela vibrava, balançava tudo, mas não era um balanço suave e gostoso, mas alguma coisa que lembrava as disputas dos cowboys em cavalos selvagens. Eu acho que a culpa foi minha que torci o botão até o fim sem graduá-lo devidamente. Já estava começando a enjoar quando, no desespero, toquei no interruptor da direita. Para minha surpresa, a cama se levantou e ficou em posição vertical, me levando ao chão. São coisas de hotéis granfinos. Fiz de tudo para que a cama voltasse à horizontalidade, desde a chingação ao apelo, e só a camareira é que conseguiu colocá-la no devido lugar.

De volta à narrativa histórica pode-se dizer que o Primeiro Encontro Nacional de Sexologia foi encantador. Nele começaram a brilhar certas pessoas que até então se dedicavam a outras especialidades. Aí conheci Ismeri Conceição, que por sinal ganhou o primeiro prêmio Carlos Ruy Tourinho e aplaudi, com entusiasmo, um trabalho de Arlete Pinel sobre sexualidade em deficientes físicos, sem falar da magnífica exposição de Maria Tereza Maldonado sobre “Sala de espera”. Ali estava atenta a inteligente Mariluzza, Terra Silveira e foi durante este Primeiro Encontro que comecei a conviver mais de perto com Paulo Canela, mais tarde companheiro dos cursos sobre Adolescência. O Congresso no Maksoud, embora pequeno, foi extremamente interessante, com um nível científico já bem razoável. Ficamos tão alegres com o resultado que logo se pensou em fazer um outro encontro na cidade do Rio de Janeiro. E entre um e outro evento, para que não se perdesse o entusiasmo, foi publicado nos começos de 1984 um livro intitulado Serologia 1, que continha as

principais matérias discutidas no 1 Encontro. A publicação foi feita através de uma editora criada por Paulo Canela e Nelson Vitiello. A Editora, que se chamava FEMINA, nasceu cheia de esperanças de publicar livros futuros estando, em sonhos, fadada a ser uma concorrente certa e perigosa da Editora Globo. Ela nunca passou daquele livro, o que aliás foi um sucesso de vendas e um fracasso de distribuição. A editora FEMINA murchou, morreu de esperança, como morrem os sonhos dos loucos, dos bêbados e dos poetas.

De 24 de abril a 1º de maio de 1984 realizou-se o 11 Encontro Nacional de Sexologia, no Colégio Brasileiro de Cirurgiões da cidade do Rio de Janeiro. Nalioum, Neiva, Araguari e Canela foram da Comissão Organizadora. Coube a Araguari um papel fundamental neste evento. Como a Federada local da FEBRASGO se negou a assumir o Encontro, o grupo do Rio fundou o NUDES (Núcleo de Sexologia) e o filiaram diretamente à Comissão Nacional de Sexologia. Cientificamente o evento foi bom, e pela primeira vez apareceu gente nova como Moacir Costa e Gerson Pereira Lopes. Este é hoje o Presidente da SBRASH (Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana) e uma das figuras proeminentes da sexologia de nosso país. O Segundo Encontro foi numericamente maior do que o de São Paulo e nele não foi atribuído, por decisão da Comissão Julgadora, o prêmio “Carlos Ruy Tourinho”.

O III Encontro Nacional de Sexologia foi realizado em Belo Horizonte, de 5 a 9 de junho de 1985, na Associação Médica de Minas Gerais. De todos foi o que teve o menor afluxo de pessoas mas o nível científico continuava melhorando. Neste evento também não foi atribuído o prêmio Carlos Ruy Tourinho.

O ano de 1985 foi marcado por uma série de sugestões para que fosse criada uma sociedade sexológica multidisciplinar que abrigasse não apenas médicos e psicólogos, mas também sociólogos, antropólogos, educadores, enfim todas as pessoas que, de alguma forma, estivessem interessadas no estudo da sexologia. Não se pode negar a insistência de Nelson Vitiello e de Paulo Canela na criação da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana. E aqui merece mergulhar um pouco nas “estórias” dos bastidores da história.

Nunca vou me esquecer daquele fim de tarde de junho. Fazia um frio danado. Eu, Paulo Canela e Nelson Vitiello estávamos no “escritório” do Nelson, que era um bar de segunda categoria na esquina defronte do Instituto de Biologia de São Paulo. Tramávamos a criação da SBRASH mas eu resistia em acabar com a Comissão Nacional de Sexologia da FEBRASGO. Canela e Vitiello propunham uma coisa no lugar da outra, e eu defendia a idéia das duas conviverem juntas. Ficamos falando sobre a nova sociedade, comendo

coxinhas de rã com cerveja, deixando que a discussão fluísse pela noite adentro. Ninguém esperava conclusões nem soluções. Nem sei mesmo se nós queríamos soluções ou apenas uma boa conversa. O fato concreto é que naquele bar de esquina foram feitos os primeiros delineamentos da futura sociedade, uma sociedade em gestação, cujo nome foi escolhido entre uma cerveja e outra.

Corria o ano de 1986 quando Nelson Vitiello editou o *Sewlôgia II*, com material do II e do III Encontros. O livro foi um sucesso e muito comentado durante o IV Encontro Nacional de Sexologia, que foi realizado de 10 a 14 de setembro de 1986 no Centro Cívico da cidade de Curitiba. Rosires Andrade foi o organizador desse Encontro que, sem dúvida, foi o mais freqüentado da série. E embora nele também não tenha sido concedido o prêmio Carlos Ruy Tourinho, foi exatamente em Curitiba, durante um jantar, no bairro de Santa Felicidade, que verdadeiramente fundamos a SBRASH. Reunidos em torno de uma mesa foi feita até uma chapa provisória que seria levada à consideração da Assembléia de Fundação a ser realizada no V Encontro que, por unanimidade, foi escolhido ser no Rio Grande do Sul. Ainda nos fins deste ano de 1986, já em Brasília, eu e Nelson Vitiello - mais ele do que eu - elaboramos uma minuta dos Estatutos da SBRASH a ser apresentada na Assembléia.

Em maio de 1986, precisamente de 13 a 16, teve lugar o V Encontro Nacional de Sexologia. O evento, onde aliás voltou a ser conferido o prêmio Carlos Ruy Tourinho, foi uma perfeição de atendimento. O clima frio da serra, o bom vinho do Rio Grande, o calor da lareira, as anedotas intermináveis de Heitor Henchel que, por sinal, foi o organizador do Congresso, ficarão sempre marcadas; na lembrança de todos. Mas, para a história da sexologia no Brasil, o fato mais significativo de Gramado foi a Assembléia de Fundação da SBRASH e a eleição da sua primeira diretoria. Presidente JeanClaude Nahoun, Vice-presidente Araguari Chalar Silva, Secretário Geral Ricardo Cavalcanti. Nascia oficialmente a Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana.

O VI Encontro Nacional de Sexologia foi organizado por Nelson Vitiello, em São Paulo, de 11 a 15 de setembro de 1988. A sede do evento foi a Secretaria da Educação, no centro da cidade. O número de participantes foi muito pequeno mas, pela primeira vez, foi realizado um Simpósio de Especialistas em Educação e em Terapia Sexual, com a presença de alguns convidados estrangeiros. E aqui mais uma vez merece a digressão para uma "estória" dramática, na qual tomei infelizmente parte ativa. Eu e José de Codes, um médico da Bahia, saímos andando pela Praça da República em direção à rua São João, uma vez que eu desejava ir à Livraria Siciliano comprar um

determinado livro. Tínhamos durante o Congresso discutido amplamente sobre AIDS e, na época, as pessoas portadoras do HIV eram rubricadas, indiscriminadamente, como homossexuais. Havia uma verdadeira “aidsfobia” que atingia a todo mundo, sem poupar naturalmente os sexólogos. O fato é que, ao chegarmos na esquina da rua São João com a rua Ipiranga, fomos assaltados por um grupo de marginais. Um assalto, a meu ver, muito pouco profissional. Eles bem que poderiam ter dito, pelo menos, que aquilo era um assalto. Assim ficaria preservada a respeitabilidade da ação delituosa, e nós entre-gariamos todas nossas carteiras aos assaltantes. Mas a abordagem foi muito pouco profissional, muito atípica, tanto que nem eu nem o Codes desconfiamos que aquilo era de fato um assalto. Quando aqueles cinco tipos começaram, sem mais nem menos, a nos empurrar, a primeira reação foi reagir. Afinal não ficaria bem correr-mos com os ladrões atrás de nós, em perseguição, gritando: “Peguem as vítimas, peguem as vítimas. A única opção no jogo da luta ou fuga era lutar. E fizemos. Até então eu pensava que os assaltantes estavam drogados, e vejam só o terrorismo psicológico da época, drogados e aidéticos. Pior ainda, que eles estavam pretendendo nos cortar e transmitir AIDS. Este pensamento pode hoje parecer maluco mas, na época, era até muito razoável. Afrial, no dia anterior, a grande manchete dos jornais era o caso de um aidético que cortava os pulsos e arranhava quem dele se aproximasse para contaminá-los com o seu sangue.

Nunca poderei me esquecer do José de Codes, soltando gritos de guerra e sapateando em um misto de caratê e lambada, trocando murros e desaforos com dois malandros. Saiu-se até muito bem. Quanto a mim, perdi logo o equilíbrio e cai na calçada enquanto três bandidos se aproximavam com as mãos voltadas para meu pescoço, onde só depois me lembrei que tinha um cordão de ouro. Enquanto eu distribuía chutes à esquerda e à direita, rodando no chão feito uma agulha de bússola, a minha vida ia desfilando rapidamente como geralmente acontece quando as pessoas vivem momentos críticos. Que situação desgraçada, eu pensava. Se eu não morrer esfaqueado no meio da avenida, posso correr o risco de ser contaminado com a AIDS.

Naturalmente que eu não tenho nada contra ou a favor dos homossexuais mas eu parecia ouvir as vozes das pessoas assegurando: “Bem que eu dizia que aquele velhote era viado. Foi pra São Paulo e voltou com AIDS”. Os assaltantes que me viram sorrindo, deitado na calçada, devem ter pensado que eu tinha ficado louco. O fato é que desapareceram por encanto. O desespero faz coisas incríveis. Voltei para o hotel todo rasgado e no dia seguinte, na

sessão de encerramento do congresso, fui o presidente mais esparadrapado e enfaixado que se teve notícia na sexologia.

São “estórias” como esta que dão a moldura humana da história.

O VII Encontro Nacional de Sexologia a Primeiro Congresso da SBRASH foi no Rio de Janeiro, de 19 a 21 de maio de 1989. Nahoun e Araguari foram seus organizadores. Neste conclave, realizado no Colégio Brasileiro de Cirurgiões, foi eleita a empossada a nova diretoria da SBRASH, tendo como Presidente Rosires Pereira de Andrade a Secretário Geral Nelson Vitiello. A partir deste encontro praticamente a Comissão Nacional de Sexologia foi sendo substituída pela Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana. Cumprira sua missão.

Em 1990 Florianópolis sediou o II Congresso da SBRASH, organizado por Lucimar Seches e Nilton Cesar. Durante este evento, de excelente padrão científico, foi eleito para Presidente da SBRASH Gerson Lopes e para Secretário Geral, o Paulo Canela, os quais só tomaram posse no II Congresso da SBRASH, na cidade de Porto Alegre. Vale assinalar também, neste ano de 1990, o aparecimento da Revista Brasileira de Sexualidade Humana, órgão oficial da SBRASH. Vitiello é o seu editor.

O III Congresso Brasileiro de Sexologia foi realizado de 16 a 19 de maio de 1991, na cidade de Porto Alegre, e organizado pela Rose Helena.

Vejam bem, comecei a falar da história da sexologia no Brasil e terminei me fixando apenas na história da SBRASH. Tantas e tantas outras coisas surgiram paralelas à SBRASH que são fatos de importância para a história da sexologia no Brasil. Estes fatos, não assinalados, ficarão dormindo à espera de outras conferências e de outros conferencistas, seguramente mais interessantes.

Quem reservar minhas últimas palavras para recordar, com saudade, duas pessoas que acompanharam desde os primeiros passos a Comissão Nacional de Sexologia. Eles já nos deixaram e já estão imobilizados na eternidade: José Granado Neiva e Jean-Claude Nahoun. Ambos faziam parte do Conselho Consultivo da Primeira Comissão Nacional de Sexologia da FEBRASGO. Esta Comissão era constituída por Ricardo Cavalcanti - Presidente; Nelson Vitiello - Vice-presidente; Aulus Plautus B. de Souza - Primeiro Secretário, Rosires Pereira de Andrade - Segundo Secretário; Joaquim Lopes - Tesoureiro. Do Conselho Consultivo faziam parte, além de Neiva e Nahoun, Maria Tereza Maldonado, José Maria Sales, Henrique Augusto Moreira Lima e Araguari Chalar Silva. Em 1986 esta Comissão foi modificada e acrescida de Mabel Cavalcanti, Maria do Carmo Silva, Maurício Viggiano, Paulo Canela e Heitor Henchel.

Falarei apenas dos mortos. Neiva era o que se pode chamar de homem puro. Excelente administrador, sua presença era a garantia da imediata credibilidade de qualquer entidade que participasse. Foi sempre o pacificador do grupo, o ponderado, o tranqüilo. Com espírito estóico enfrentou um câncer de pulmão e foi finalmente vencido por ele. Nos seus últimos tempos isolou-se de todos, a em seu retiro o único amigo que permitia entrar era Jean-Claude Nahoum. Discutiam acerca da existência e da sabedoria. Nahoum mostrou-se um braço forte nos momentos em que a fraqueza e a dor tomavam conta de Neiva. Ele não sabia que, do nosso grupo, seria ele o próximo a sair do cenário da vida. Nahoum morreu fazendo o que quis, o que sabia fazer, o que gostava de fazer. Morreu dando aula, morreu discutindo, polemizando. Ele era tão contraditório no que afirmava que era capaz de perguntar a si mesmo em voz alta: Será que Deus existe? E ele mesmo responder: Só Deus Sabe.

Eu acredito que Nahoum e Neiva devem estar assistindo esta conferência. Seguramente em nuvens diferentes. Neiva está no céu, com direito a camisolão branco e asas imaculadamente limpas. Deve ter um enorme prestígio com São Pedro, e já deve ter organizado um pouco o cordão dos anjos e dos santos. Ele está fazendo amizades eternas... Nahoum eu não sei em que nuvem está deitado. Certamente ele deve estar vestindo um mini-camisolão só para chocar as cinco mil virgens. Para abrir polêmica deve ter pintado uma asa de azul e outra de lilás. Nunca será um anjo tranqüilo. Já deve ter feito uma confusão danada lá por cima e não me admiraria saber que está incommunicável por seis meses eternos no purgatório. Ele deve estar rindo para nós neste exato momento.

Bem, meus senhores e minhas senhoras, está na hora de fechar a cortina do palco e dizer a todos vocês um até logo carinhoso e fraterno. Sejam felizes. Muito obrigado.

